



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/diante-do-desastre/>

Diante do desastre... 10 dicas incertas para escrever apesar de

Nathália Terra Barbosa[1]

Victoria Cardin Alfano Raposo[2]

RESUMO: Esse ensaio experimental escrito a quatro mãos diz de interesses em comum acerca do pensamento e da escrita. Acompanhadas de diferentes intercessores desde a literatura contemporânea brasileira até as ecologias *queer*, buscamos exercitar um texto que se vê diante do desastre e para tanto se pergunta e agora? O que nos resta? Pensar e escrever? Sem almejar dar conta dessas perguntas ou de outras que porventura possam aparecer, mas também desaparecer, escrevemos apostando em um deslocamento entre pensar diante do desastre, mas também apesar dele. Para tanto elaboramos 10 dicas incertas para escrever apesar de. Tem interesse? Aqui dizemos como!

PALAVRAS-CHAVE: Desastre. Escrita. Pensamento.

Facing the disaster... 10 uncertain clues to write despite it

ABSTRACT: This experimental essay written by four hands says about common interests concerning thinking and writing. With different intercessors from brazilian contemporary literature up to queer ecology, we look for to exercise a text that sees itself facing the disaster and so it asks what now? What is left for us? Think and write? Without aiming to live up to these questions or many others that can eventually come up, but also disappear, we write betting in a displacement between



thinking facing the disaster, but also despite it. Therefore, we elaborate ten uncertain clues to write despite it. Are you interested? Here we tell you how!

KEYWORDS: Disaster. Writing. Thinking.

O que você faria se só te restasse esse dia?
(Billy Brandão e Paulinho Moska, 1995)

Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar!
(Assis Valente, 1938)

E agora?!

Se o receio produzido por essa pergunta pudesse ter nome, daríamos o nome de Paranoia – assim como a gata do livro *A Extinção das Abelhas* de Natalia Borges Polesso, lançado em 2021 pela Companhia das Letras. Gata essa que, mesmo depois de morta, não deixava de aparecer mesmo não aparecendo.

Vi Paranoia passar rápido atrás de uns vasos plásticos vazios. O pote de ração continuava cheio. Chamei. Troquei a ração. Fiz barulho com o saco. Não apareceu. Não apareceria. Mas Paranoia me acompanha. O bicho está sempre comigo. É muito ansiosa. Assustada. Qualquer barulho a faz esbugalhar os olhos e procurar alguma sombra, um rastro. Somos quase uma. A simbiose perfeita do delírio. Eu, desengonçada demais. Como se ela fosse capaz de corrigir o meu desequilíbrio. Uma mulher que é um bicho. Medrosa. Uma coisa avançada demais, uma mutação que ninguém foi capaz de prever: a mulher de quarenta anos; felinos em geral; orangotangos; ciborgues. (Polesso, 2021, p. 204)

E se começamos por esse roubo do livro de Natalia, é porque esse é um texto que poderia iniciar de diferentes formas e seguir por diversos caminhos, de maneira que achamos prudente dizer logo, de pronto, quais questões o animam.



Esse texto “é descentralizado e sem fechamento [perguntas como onde começa ou termina um Texto? são impossíveis ou mesmo tolas]” (Costa, 2017, p.29). Entre idas e vindas, trata-se de uma tentativa de conversa às voltas com os pensamentos passageiros que nos perpassam em face da iminência do desastre, da inquietante convocação acerca da nossa responsabilidade em viver e morrer juntos (Haraway, 2023) e dos desafios da escrita nesse mundo em ruínas. Logo, ele não é um texto sobre, mas um texto escrito nas cercanias de (Trinh Min-Ha, 1988), cuja tessitura se desenrola perante o inviável, e que insiste em falar mesmo diante da impossibilidade de dizer. Nele deixamos fermentar interesses interessados em questionar o que fazer quando “aquela invenção velha de mundo colapsou na nossa cabeça” (Polessio, 2021, p. 295). Ou “como se vive quando tudo o que conhecemos cai por terra?” (Polessio, 2021, p. 253). Ou ainda, Como se escreve?

De início, talvez seja prudente também destacar que se trata de um exercício do pensamento que se desdobra em ensaio. Um exercício em teste. É tentativa. Tentativa não de dar conta das perguntas citadas e/ou outras afim que porventura apareçam, mas de experimentar esse “E agora?!” como a questão mais profunda, aquela que “sendo palavra inacabada, apoia-se no inacabamento” (Blanchot, 2010, p. 43), palavra plural “que o fato de declarar incompleta realiza” (Blanchot, p. 43). Enquanto substituição no vazio da afirmação plena, “ela se formula como a questão que não se formula” (Blanchot, 2010, p. 52). Ao se manifestar, permanece fugidia, sendo a fuga uma de suas maneiras de estar presente” (Blanchot, 2010, p.52). Questionar é, portanto, “jogar-se na questão” (Blanchot, 2010, p. 53), uma espécie de convite ao salto no desconhecido, quem sabe até mesmo movido por ele, “o salto, a partir e fora de qualquer firmeza” (Blanchot, 2010, p. 53). Nesse sentido, “a questão é o desejo do pensamento” (Blanchot, 2010, p. 43), e “a resposta é a desgraça da questão” (Blanchot, 2010, p. 43).

E agora?!

1, 2, 3 testando...

Esse texto é ensaio e só e somente só ensaio, já que sem ensaio, não há inspiração. (Corazza, 2008). Ou como disse Deleuze a Claire Parnet “se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados” [3]. Não uma aposta no ensaio enquanto gênero ou modelo textual, mas enquanto



operação. Operação na qual o pensamento e a vida ensaiam-se. Os intercessores (Deleuze, 2013) aqui mobilizados não estão a serviço da exemplificação, tampouco da aplicação, mas da composição. Ao compor com frases outras que nos ajudam a montar o texto, formamos assim um plano a partir do qual algo pode aparecer para tão logo desaparecer e tornar a ressurgir. Sem grandes pretensões, escrevemos apostando “de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece” (Foucault, 1984, p. 12). Escrevemos enquanto possibilidade de colocar algo no mundo, assim mesmo, sem finalidade. O que mobilizamos a partir do livro *A Extinção das Abelhas* também não busca dar conta das histórias ali presentes. Sejam as questões de gênero e sexualidade, seja o mundo em colapso. Não sabemos nem se é possível dar conta disso tudo! Talvez nem seja mesmo sobre isso! Algo sempre escapa... Mas essas passagens ressoam um entendimento do desastre, ou do colapso, para usarmos as palavras da autora, enquanto possibilidade de outras habitabilidades imanentes na relação do presente com o atual. O presente como o que elas são e o atual como aquilo que, no presente, estão deixando de ser.

E agora?!

Diante de “um agora insistente” (Polessio, 2021, p. 273), “com um azedume na boca” (Polessio, 2021, p. 75) e “com olhos de incerteza” (Polessio, 2021, p. 283), apostamos no ensaio como um modo experimental desse pensamento (Larrosa, 2004) que encontra na escrita o lócus por excelência da experimentação. Uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; “e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose” (Larrosa, 2004, p. 32). Metamorfose essa que não é transformação completa, nem conversão, mas a gestação de uma forma informe (Coccia, 2020) do pensamento. O ensaio enquanto um modo de escrita que incita o pensamento e a experimentação.

“O jogo é isso aqui” (Polessio, 2021, p. 277).

“no sonho que descrevi eu fazia um teste
não importava tanto o resultado, mas sim *testar*
aqui eu começo testando o microfone 1, 2, 3 *testando*
eu testo a paciência de vocês testo o tempo de leitura de cada um.
(...)



as regras para o teste não estavam dadas de antemão:
era preciso *ensaiar*
o ensaio é teste experimento prova.”
(Garcia, 2015, p. 75-76 - grifos da autora)

1,2,3 testando...

Em *A Extinção das Abelhas* (2021), Polesso escreve uma ficção científica distópica – mas nem tanto – uma história sobre uma mulher, uma gata e um mundo (já!!!) em colapso. Nela acompanhamos a vida de Regina, entre outras mulheres lésbicas, em que a mobilização não é a partir do sofrimento ou do ressentimento, tampouco sobre como normas historicamente excludentes e hierárquicas de raça, sexualidade e gênero são replicadas e interrompidas, mas em uma escrita que dobra o tempo, ou faz ele funcionar em outra temporalidade, problematizando de certa forma o tempo linear na medida em “que ‘enlaça os fios’ de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro, recontando a história” (HARTMAN, 2020, p. 29) do humano no entrecruzamento das múltiplas histórias emaranhadas, nem sempre convergentes, entre seres em intimidade ilimitada (RANNIERY, 2020). Quando criança, Regina é abandonada pela mãe que foge com o circo. Quando adulta, seu pai falece. Nesse misto de abandono e ausências, em certo momento de sua vida Regina vê um anúncio na internet sobre *camgirls*, cobre sua cabeça com uma máscara de gorila e encara o desconhecido de si mesma enquanto se expõe *online*. Nesse jogo de exposição, ela se vê obrigada a encarar desejos, vergonhas e fantasmas que insistem em persistir. Enquanto isso... o mundo em colapso. O planeta agoniza. Existências agonizam. Natalia, então, escreve um composto de distopia e “realidade”, colapso e salvação.

Só que... ei... de salvação a gente está fora!

E agora?!

O desastre como aqui percebemos se faz frente à intensificação dos eventos climáticos, catástrofes ambientais, crise ecológica, era do Antropoceno, Intrusão de Gaia, ou quaisquer outros dos restantes novecentos e muitos nomes de sua preferência (Viveiros, corre aqui!).

Para alguns, o mundo está acabando. Para outros, já acabou.



Estamos diante do fim do mundo? O fim do mundo está adiante?

Pouco importa! Embora pareça que situar o desastre espaço-temporalmente implique modos distintos de responder a ele.

“Mas escolhemos acreditar em palavras sem sentido como cosmos, salvação e democracia. As ficções cosmológicas. Esperávamos que alguma narrativa nos salvasse” (Polesso, 2021, p. 231).

— É, acho que agora vou ter que ir. Vou ser cientista de verdade — riu sem jeito —, vou salvar o mundo com a ciência — riu ainda mais sem jeito.

— Vai, sim. Que bom. Que maravilha. Que maravilha.

Não falei mais nada. Fiquei com os olhos cheios d’água e pensei: Vai ser difícil. (Polesso, 2021, p. 45)

“Acendi um cigarro pra abafar também essa catástrofe” (Polesso, 2021, p. 13).

Desde então, não conseguimos nos furtar de considerar que talvez o mais relevante seja assumir que justamente em face ao desastre, “pensar devemos; devemos pensar” (Haraway, 2022, p. 91). E para não sermos engolfadas por narrativas apocalípticas paralisantes e nem abraçarmos a esperança ingênua da reparação, propomos uma pequena torção inspirada em uma das passagens de Clarice Lispector no livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) que diz assim:

Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. (Lispector, 1969, p. 26)

Assim, se diante de... “é pensar ou morrer” (Polesso, 2021, p. 268), junto à Clarice assumimos como urgente a tarefa de pensar apesar de. Portanto, não se trata de considerar como escrever diante da iminência do desastre, mas apesar dessa iminência, como não escrever?!, como um modo mesmo de performar a morte como uma instabilidade e uma recusa?

“Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída, sempre se pode cantar. Por essa razão escrevo” (ABREU, 1996, s/p).

Haraway (2022, p. 67) faz uma pergunta mais ou menos assim: “o que acontece quando o excepcionalismo humano e o individualismo metodológico (...) se tornam impensáveis?”. Nesse jogo



do deslocamento ou dissolução do sujeito, nos interessa borrar as linhas da borda. Nesse jogo-deslocamento-dissolução, diante desse mundo em desastre, esse mundo em colapso e diante dessas teorias, como não cair na armadilha do individualismo de quem escreve? É preciso estarmos atentas. Atentas para que as relações sejam emaranhadas e não produzidas a partir dos sujeitos.

Cuidado, muito cuidado, para não voltar à imagem desse indivíduo intocável presente em muitas escritas. Isso realmente nos parece imperativo quando pensamos apesar de. Jamais fomos indivíduos, né? Olhem para os líquens (Sheldrake, 2021)!

“Às vezes queria ser bicho” (Polesso, 2021, p. 12-13).

“Eu queria ser selvagem. Esse é um desejo. Não domesticada, não instruída, indisciplinada, imprevisível” (Polesso, 2021, p. 296).

E queríamos perder essa montagem humana (Stigger, 2016)! “Colada à tua boca a minha desordem. O meu vasto querer. O impossível se fazendo ordem” (Hilst, 2004, n. p.), dentro do puro caos do disforme, do grito da diferença em que a dissolução do sujeito e do eu é demandada - em que esse sujeito racional que foi inventado, esse homem com H maiúsculo rui, desmorona, desaba. Talvez agora, o que nos resta, dentro de uma ideia de escrita tão cravada da noção de autoria, seja escrever com os cacos, “com o que sobrar das coisas, com o que sobrar da gente” (Polesso, 2021, p. 293).

“Eu soprei a fumaça e disse: que bom” (Polesso, 2021, p. 26).

Talvez, seja somente isso que nos reste... escrever como quem lança imagens de fumaça na atmosfera, um modo mesmo de construir habitabilidade, afirmar a vida e produzir existência na ruína (Tsing, 2019). E aqui, mesmo correndo o risco dessa atitude ser entendida como narcisista, “perante o compromisso significativo com o mundo, o eu privatizado atrofia-se” (Lasch, 1984, p. 18); se tomamos a produção teórica num trabalho comprometido com a alteridade, o que requer interrogar as categorias utilizadas no exercício do pensamento no encontro com ideias que nos desloquem e forcem a pensar o impensado do pensamento, e que se desdobra na escrita enquanto um meio de tornar-se outro; ambos os movimentos aludem à transformabilidade, uma experiência-



limite, o que Blanchot (1980) chamou de experiência do desastre. Portanto, esse é um texto às voltas com o desastre enquanto uma experiência limite, pois o limite é o impossível.

Com Preciado (2014, p. 3) vemos que “a mudança necessária é tão profunda que se costuma dizer que ela é impossível. Tão profunda que se costuma dizer que ela é inimaginável. Mas o impossível está por vir. E o inimaginável nos é devido”. Se o desastre desestabiliza nossas certezas, se há de haver um “quê” de incompreensível no mundo, a aposta é na opacidade (Glissant, 2021). Mas o desafio se instaura... de que formas escrever sem apelar para a totalização e para o fechamento? Como dar conta dessa dimensão inexplicável e inapreensível? Se “é a trama que diz da ética” (Glissant, 2021, p. 223), de que maneiras tratar desse emaranhado que se faz, se inventa e se escreve nas nossas escritas sem pretendê-lo transparente? De novo... como escrever apesar do desastre?

E agora?!

Simples!

Não criemos pânico!

Mesmo admitindo que não há respostas finais ou garantias, não deixaremos você sem elas. Para tanto, elaboramos um conjunto de dicas para você interessado em como pensar na iminência do desastre. Mas, ao insistir nesse “como?”, não o fazemos num caráter tutorial. O nosso “como?” aqui não se encerra, mas busca operar um modo de ficar com o problema (Haraway, 2023), pela escrita de um texto que brincando com “a conquista de uma área de hesitação instaurada” (Costa, 2017, 21), produz respostas malditas.

Se você aí do outro lado do texto se vê diante de perguntas ou questões similares (ou até quem sabe bem distantes) (d)as nossas elaboramos para você, sim!, você!, um conjunto de dicas assombradas para escrever apesar do desastre!

Tem interesse?

Aqui dizemos como!



-
- Abra espaço para o descontrolo - o inesperado também produz coisas!
 - Sustente a espera pelo inesperado - espera aqui é abertura e exposição!
 - Exercite o diálogo com o acaso - aprenda a escutar o imprevisível!
 - Acolha o tatear sem saber - hesite!
 - Opere na penumbra - sem apelar para a transparência, habite à meia-luz!
 - Flutue numa dinâmica entre rumo e vagueza - o pensamento pode e deve dispersar!
 - Abarque a incerteza - certeza tem perna curta!
 - Abrace a instabilidade – mova-se na impermanência!
 - Assuma a incompletude - opere nas contingências!
 - Considere a criação pelas margens do desconhecido – esgarce os contornos!

Mas, atenção! Isso exige

um grau razoável de tolerância à “frustração” académica, representada pelas incertezas da verdade; pela falha de solução para o problema pesquisado; pelo esgarçamento de qualquer unidade dos resultados; e pela capacidade de suportar tudo o que, apesar dos esforços, não faz sentido. (CORAZZA, 2001, p. 20). “Se a gente ficar um tempo aqui bem quietinhas, dá pra ouvir ele voando. Novas poéticas, né? Com quem se importam os drones? Para quem cantam?” (Polesso, 2021, p. 62).

1, 2, 3, testando...

Quando terminamos de escrever esse texto percebemos, nós “protozoárias proteína pura” (Lispector, 1964, p. 60), que também tínhamos “mergulhado no pântano (Polesso, 2021, p. 103). Também tínhamos “o peito cheio de lama” (Polesso, 2021, p. 103), mas agora já era tarde! O prazo batia à porta e não tinha mais para onde correr – “eu lembro que tu dizias pra lavar bem as frutas pra tirar o veneno. Pois não adianta mais. Nem lavando. Tá tudo envenenado.” (Polesso, 2021, p. 180) “Eu só sei que um monte de coisas faz sentido e outro monte de coisas não faz. (...) E que eu separo os acordos da vida desse jeito agora, e aceito que assim sejam. Compreendidos e incompreendidos” (Polesso, 2021, p. 16).



Apostamos em um texto que buscou pensar diante do desastre, mas também apesar dele. O que nos resta neste mundo em desastre? Pensar e escrever? Porém ao mesmo tempo que isso diz de alguns interesses, “Paranoia não estava na cama, mas tive certeza de tê-la visto em cima da estante” (Polesso, 2021, p. 68).

Se para nós estava claro que pensar um texto totalidade estava fora de cogitação – já que tudo que daí e daqui se desdobrou era muito - era preciso, então, um corte. E esse corte foi metodológico. Para tanto, a aposta nessa escrita se fez com um texto emaranhado em perguntas, citações, repetições e cortes, sobretudo cortes. Corte aqui também é tentativa e teste de operar se não um grande rasgo, mas uma pequena fissura ou fenda por onde o ar possa passar. Se em face ao desastre nos sentimos, em muitos momentos, asfixiadas; experimentar uma escrita que passa ao largo de intencional soluções últimas, nem sequer melhores; tem se constituído um modo de evitar àquilo que Franco Berardi (2020) denominou de sufocamento de corpos vibrantes. Assim, nossas dicas só dizem de alguns acenos possíveis, assombrados, incertos e movediços para, quem sabe, movimentar um escrever apesar do desastre como uma insistência em não sucumbir a ele.

“Meu riacho é apenas um fiozinho. Mas sem fiozinhos de água não há inundação possível” (Vidarte, 2019, p. 106).

“Ouve que é ali. No que sobra. Ali está a resposta” (Polesso, 2021, p. 236).

1, 2, 3, testando...

Bibliografia

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Ubu Editora, 2020.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita: A palavra plural**. São Paulo: Escuta, 2010.

COCCIA, Emanuele. Casulos. In: **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.



CORAZZA, Sandra. **Para artista a filosofia-educação: - Sem ensaio não há inspiração.** Trabalho apresentado na II Semana Acadêmica de Filosofia - Modos de pensar e habitar a contemporaneidade. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo: Pesquisas pós-críticas em Educação.** São Paulo: Vozes, 2001.

COSTA, Luciano Bedin da. **Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto.** São Paulo: Lumme Editor, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

GARCIA, Marília. O poema no tubo de ensaio. In: PEDROSA, Celia. (org) **Sobre poesia: outras vozes.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 73-87.

GLISSANT, Édouard. Poéticas. In: **Poética da relação.** São Paulo: Bazar do Tempo, 2021. p. 214-241.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno.** N-1 Edições, 1ª edição, 2023.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthluceno. In: Moore, Jason W. (org). **Antropoceno ou Capitaloceno: natureza, história e a crise do capitalismo.** São Paulo: Elefante, 2022.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação. **Revista Eco Pós**, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

HILST, Hilda. **Do desejo.** São Paulo: Globo, 2004.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.

LASCH, Christopher. **The Minimal Self: Psychic Survival in Troubled Times.** New York: W. W. Norton, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1969.



MINH-HA, Trinh T. Not you/Like you, 1988.

PHILOSOPHICAL SOLUTION. DELEUZE, G. Abecedário - P de "professor" (Parte 1). Disponível em: <<https://youtu.be/sNkhf7GDvDA>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

POLESSO, Natalia Borges. **A Extinção das Abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RANNIERY, Thiago. Vivendo no mundo deles: currículo a partir de um apelo geontológico. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 3, p. 729-754, set./dez. 2020.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida: como os fungos constroem o mundo**. São Paulo: Ubu Editora 2021.

STIGGER, Veronica. O útero do mundo. São Paulo: Museu de Arte Moderna - MAM, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIDARTE, Paco. Agir sem pensar. In: **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

Recebido em: 15/10/2023

Aceito em: 15/11/2023

[1] Licenciada em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do BAFO - Bando de Estudos e Pesquisas em Currículo, Ética e Diferença, mediadora à distância no CEDERJ, na graduação de Biologia e Química com a disciplina de estágio supervisionado e professora do setor curricular de Química no Colégio de Aplicação da UFRJ. Email: nathalia_tb@hotmail.com



[2] Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda também pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Bolsista CAPES e integrante do GESTE – Grupo de estudos e pesquisa sobre o trabalho da Educação. Email: victorialfano@live.com

[3] Trecho retirado da série de entrevistas de Claire Parnet com Gilles Deleuze que culminou na produção de um Abecedário. Essas entrevistas aconteceram entre 1988 e 1989 e foram veiculadas em 1995. O corte da entrevista aqui utilizado está disponível em: <<https://youtu.be/sNkhf7GDvDA>>.